

EDITORIAL

Em alguma página do filósofo Henri Bergson (1859-1941), diz-se que no gesto simples e perfeitamente uno de esticarmos um braço está implicada a ação de músculos que já não sabemos. O esquecimento e a inconsciência são engrenagens da ação, do viver cotidiano. Com o advento da pandemia, no entanto, também esse metabolismo tácito da vida se desorganiza: os gestos simples são forçados a retornar à consciência, como o gesto de andar na rua, por exemplo, ou o de editar uma revista universitária.

Enquanto o mundo em volta lida com questões de sobrevivência, quais, pergunta-nos a consciência, os sentidos de continuar se dedicando, afinal, ao pensamento? E uma resposta surgiu clara: ela dependeu diretamente das colaborações reunidas nesta edição, dedicada ao que apelidamos de *uma compreensão sistêmica da Covid-19*.

Pensar sobre as transformações das últimas décadas no padrão de financiamento e na estrutura do SUS, tema do ensaio que abre o volume; pensar sobre a necessária transversalidade do olhar econômico no momento atual, e as relações desse aprendizado com a formulação de políticas públicas; pensar sobre as inércias culturais – e legais – em torno da prática do ensino a distância; ou pensar, ainda, sobre a trajetória da OMS, ou sobre os impactos da pandemia sobre a

saúde mental: pensar, nesses exemplos, tocando as premências de acontecimentos ainda candentes, é fornecer subsídios para o agir, para a escolha dos nossos caminhos no campo público. Produzir sentido científico, assim, é produzir sentido comunitário. Pensar, ao fim, também integra o sobreviver.

Sob as palavras “compreensão” e “sistêmico”, no entanto, a pluralidade deste volume tinha de ir além da pluralidade de campos do saber. O teatro, reinventado de modos inimagináveis por meio de câmeras ou mensagens de texto; a literatura, comentada em resenha e exercida por meio do conto que fecha a edição, gentilmente cedido pelo escritor Ronaldo Correia de Brito; o gesto de abrir um livro, lê-lo e torná-lo memória pessoal; as artes visuais, representadas nas obras de discentes e docentes que ilustram o volume, graças à parceria da Estudos Universitários com a Diretoria de Cultura da UFPE: em cada um desses exemplos, em lugar da fala em praça pública, um itinerário se intimiza; e da visita individual a afetos, ideias, ritmos e imagens, e a diferentes camadas da nossa memória cultural, retorna cada autor com símbolos, conexões e conflitos que a todos, como é comum na arte, nos tocam. Como na busca inquieta de luz à janela, luz de um sol desfigurado, pela figura de pulmões

à mostra na ilustração de capa, de autoria de Matuza.

Unindo muitos dos pontos levantados neste editorial, a entrevista deste número é com a professora Eliete Santiago, coordenadora da Cátedra Paulo Freire/UFPE. As perguntas da entrevistadora convidada, a professora Denise Maria Botelho, não apenas trouxeram à tona a rica trajetória da atuação de Santiago no campo da educação, mas tocaram, entre outros temas, o ensino remoto; a implementação das políticas de afirmação na UFPE; as relações da obra de Paulo Freire com questões hoje na ordem do dia, como o

feminismo e o racismo; o papel formador das artes e sua importância na pandemia; e a democracia.

Estendemos, por fim, a todos os que colaboraram neste número, preparado num contexto tão adverso, o nosso especial agradecimento.

Adriano Dias de Andrade
Artur Almeida de Ataíde
Igor Andreas Rodrigues Bandim
Editores